



***“A DIMENSÃO PORNOGRÁFICA DA PSICANÁLISE E A TAUROMAQUIA:
CORPO E PALABRA”***

Luciana Saddi

Eixo: Corpo na Cultura

Palavras chave: literacura, interpretante, prototeoria psicanalítica.

Resumo:

A partir da leitura do poema "Opinião sobre a pornografia" de Wislawa Szymborska e do prefácio de Michel Leiris para o livro, "A idade Viril", a autora tece uma série de associações e interpretações que aproximam literatura e psicanálise. Ora a literatura é vista como um interpretante, ora faz as vezes de um modelo de técnica para a clínica, ora funciona como uma prototeoria psicanalítica.

Introdução

A partir da leitura do poema "Opinião sobre a pornografia" de Wislawa Szymborska apresento a vocês uma série de associações e interpretações que aproximam literatura e psicanálise. Ora a literatura é vista como um interpretante, ora faz as vezes de um modelo de técnica para a clínica, ora funciona como uma prototeoria psicanalítica.

"Opinião sobre a pornografia" Wislawa Szymborska

Não há devassidão maior que o pensamento.
Essa diabrura prolifera como erva daninha
num canteiro demarcado para margaridas.

Para aqueles que pensam nada é sagrado.
O topete de chamar as coisas pelos nomes,
a dissolução da análise, a impudicícia da síntese,
a perseguição selvagem e debochada dos fatos nus,
o tatear indecente de temas delicados,
a desova das ideias - é disso que eles gostam.

À luz do dia ou na escuridão da noite
se juntam aos pares, triângulos e círculos.
Pouco importa ali o sexo e a idade dos parceiros.
Seus olhos brilham, as faces queimam.
Um amigo desvirtua o outro.
Filhas depravadas degeneram o pai.
O irmão leva a irmã mais nova para o mau caminho.

Preferem o sabor de outros frutos
da árvore proibida do conhecimento
do que os traseiros rosados das revistas ilustradas,
toda essa pornografia na verdade simplória.
Os livros que os divertem não têm figuras.
A única variedade são certas frases
marcadas com a unha ou com o lápis.

É chocante em que posições,
com que escandalosa simplicidade
um intelecto emprenha o outro!
Tais posições nem o Kama Sutra conhece.

Durante esses encontros só o chá ferve.
As pessoas sentam nas cadeiras, movem os lábios.
Cada qual coloca sua própria perna uma sobre a outra.
Dessa maneira um pé toca o chão,
o outro balança livremente no ar.
Só de vez em quando alguém se levanta,

se aproxima da janela
e pela fresta da cortina
espia a rua."

(De *Poemas de Wislawa Szymborska*, tradução de Regina Przybycien, publicação da Companhia das Letras.)

Por que o poema?

Na primeira leitura que fiz do inusitado poema, *Opinião sobre a pornografia*, me surpreendi ao perceber que ele me levava a pensar na semelhança entre Psicanálise e Pornografia, aqui deslocada do fescenino e do obsceno para a devassidão do pensamento. E senti certo júbilo com esse deslocamento.

Vejamos:

Não há devassidão maior que o pensamento.

**Essa diabrura prolifera como erva daninha
num canteiro demarcado para margaridas.**

O poema, ao colocar lado a lado, em igualdade de posição, Pensamento e Pornografia, realiza uma inversão do senso comum, igualando pornografia a pensamento e conferindo a esse um poder de ruptura e profanação.

Para aqueles que pensam nada é sagrado.

**O topete de chamar as coisas pelos nomes,
a dissolução da análise, a impudícia da síntese,
a perseguição selvagem e debochada dos fatos nus,
o tatear indecente de temas delicados,
a desova das ideias - é disso que eles gostam.**

Partindo do princípio que a devassidão do pensamento pode tomar a forma da psicanálise, entendi que essa devassidão, além de seu caráter transgressor, alude à clandestinidade. Com certa ironia, o poema fala da subversão da ordem, da destituição dos tabus e da substituição

da moralidade vigente por uma outra ordem, mais próxima da perversão ou da forma perverso polimorfa apresentada por Freud. Vejamos no poema:

**À luz do dia ou na escuridão da noite
se juntam aos pares, triângulos e círculos.
Pouco importa ali o sexo e a idade dos parceiros.
Seus olhos brilham, as faces queimam.
Um amigo desvirtua o outro.
Filhas depravadas degeneram o pai.
O irmão leva a irmã mais nova para o mau caminho.**

Na estrofe seguinte o poema rebaixa a pornografia/corpo e eleva o pensamento/ conhecimento, ao determinar quão simplório é um traseiro rosa nas revistas.

Vejamos:

**Preferem o sabor de outros frutos
da árvore proibida do conhecimento
do que os traseiros rosados das revistas ilustradas,
toda essa pornografia na verdade simplória.
Os livros que os divertem não têm figuras.
A única variedade são certas frases
marcadas com a unha ou com o lápis.**

Mas, mesmo essa elevação é sinuosa, dá a entender algo de desvirtuado ou proibido no pensamento ao atribuir sentido erótico aos gestos ingênuos e inocentes como marcar com unhas e com lápis certas frases.

O prazer intelectual está no mesmo patamar da pornografia - aparece de forma escandalosamente simples: *um intelecto emprenha o outro!* Haveria forma mais sintética ou condensada e, principalmente poética, de “definição de psicanálise”? Vejamos:

**É chocante em que posições,
com que escandalosa simplicidade
um intelecto emprenha o outro!
Tais posições nem o Kama Sutra conhece**

Na última estrofe, por meio de imagens leves, simples e cotidianas - como o chá que ferve e pessoas sentadas em cadeiras - o poema nos remete para a força de atração que agrega os participantes de uma orgia, eles pouco se interessam pelo que se passa lá fora. Penso que aqui também há ressonância com o psicanalista que pouco parece se interessar pela rua, metáfora do mundo, de tão envolvido que está em sua *orgia* particular.

Há mistério no final do poema - parecia haver um elogio à devassidão do pensamento -mas a linguagem se transforma, o paralelismo que vinha sendo apresentado entre pensamento e pornografia se esgarça. Tive a sensação de levar um tombo ao ler essa última estrofe: a poeta puxou meu tapete, me deixou tonta e sem chão. Justo quando havia firmado o paralelismo improvável e convencido o leitor, surge esse desconcerto. Vejamos:

**Durante esses encontros só o chá ferve.
As pessoas sentam nas cadeiras, movem os lábios.
Cada qual coloca sua própria perna uma sobre a outra.
Dessa maneira um pé toca o chão,
o outro balança livremente no ar.
Só de vez em quando alguém se levanta,
se aproxima da janela
e pela fresta da cortina
espia a rua."**

Essa última estrofe me levou aos primeiros versos de Olavo Bilac: *Longe do estéril turbilhão da rua...* no soneto, *A um poeta*. Este é um poema metalinguístico, pode ser entendido como uma espécie de manifesto do movimento parnasiano. Para além de sua beleza e ritmo, há uma proclamação temática e estética; um lugar é conferido ao poeta/criador - o isolamento monástico. Nada de bom advém da rua.

Vejamos a primeira estrofe do poema de Bilac:

**Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!¹**

(Olavo Bilac. Antologia de poesia brasileira - Realismo e Parnasianismo. São Paulo: Ática, 1998, p. 48.)

Não sei se havia intenção da poeta polonesa de criticar os praticantes da devassidão do pensamento. A princípio parece o contrário. Estamos diante de uma ode aos praticantes da paixão do pensar e do conhecer. Em minha leitura porém, no final do poema - somente no final – ocorre uma virada e a crítica se fez evidente. Talvez por isso ela tenha escolhido usar a palavra pornografia - embora na literatura não se faça nenhuma distinção entre os termos pornográfica, erótica, obscena ou fescenina; fora desse âmbito a palavra costuma adquirir o sentido de achatamento da experiência erótica e, portanto, do sujeito psíquico. Pornografia indica que corpos são transformados em qualquer corpo, em todos os corpos e em corpos de ninguém; resumidos a orifícios e protuberâncias que parecem empurrar até a anulação qualquer marca identitária. Quando a carne toma o lugar do corpo e se faz presente antes do gozo, a dimensão subjetiva da sexualidade - luxuriante, que implica em embate, combate, esforço, erotismo e sem garantia de sucesso - se perde. Torna-se uma operação simples e

¹ **Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.**

**Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:**

**Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.**

positiva, sem risco. Seria esse tipo de achatamento que entretém os praticantes da devassidão do pensamento, inibindo-lhes o interesse pelo mundo?

O Modernismo (estamos falando de literatura e aludindo à Psicanálise) fará uma intensa crítica formal e temática ao isolamento do poeta parnasiano. O poeta modernista não se aparta do burburinho das ruas, ao contrário, mergulha no cotidiano de seu povo. Vejamos um trecho do poema: Evocação do Recife, de Manuel Bandeira.

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

(Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, pp. 114-115-116.)

Quando tudo parecia estar nos seus devidos lugares, quando os devassos do pensamento já alçavam a elevação, novamente são degradados à força de se apartarem da vida, de estarem encantados e presos à atração pornográfica criada por eles próprios. O poema, ironicamente, iguala todos os devassos – apesar dos elogios anteriores aos praticantes da devassidão do pensamento.

Partindo da leitura que traça um paralelo entre o psicanalista e o devasso do pensamento, seria desnecessário afirmar a importância da psicanálise correr o mundo e nele se entranhar para não se tornar uma mera atividade retórica de masturbação entre pares criando, portanto, um lugar seguro. Seguro, mas disfarçado pela transgressão que a palavra pornografia carrega. Mesmo que o poema aluda à polarização entre o baixo e o alto, e que opere inversões constantes entre esses polos, ao final, por uma mudança na linguagem, o paralelismo é

interrompido e o poema **se cobre de certo mistério**. Há uma inversão sutil, uma crítica ou uma ruptura² na linguagem e os devassos do pensamento são vistos como fascinados e presos a uma forma de orgia particular. Se a torre de marfim do poema parnasiano significa isolamento do mundo em busca da verdade e da tranquilidade necessária ao poeta, quais significados podemos atribuir à dificuldade que os devassos do pensamento têm em espiar o mundo lá fora? O que os prende às cadeiras? De que tipo de fechamento fala o poema de Szymborska? Nas palavras da poeta:

**Só de vez em quando alguém se levanta,
se aproxima da janela
e pela fresta da cortina
espia a rua."**

Recorro a outro escritor, Michel Leiris, ensaísta e etnólogo francês, contemporâneo de Bataille, fortemente influenciado pela psicanálise como paciente e escritor. No adendo às vésperas da Segunda Guerra, na primeira edição ao livro, *A Idade Viril*, Leiris postula uma literatura como tauromaquia. Argumenta que não faltam romances autobiográficos, diários íntimos, lembranças, confissões, como se a criação tomasse o lugar da expressão, iluminando mais o homem, do que a obra. Afirma que seu livro ocupa esse lugar, do autor que fala de si com lucidez e sinceridade, sem se vangloriar. Mesmo tecendo essas considerações permanece

² A mudança de linguagem alude a uma *ruptura de campo*: o método interpretativo da psicanálise visa somente a que as regras ou relações ocultas de um campo sejam descobertas – essa é a operação fundamental do método psicanalítico, segundo Fabio Herrmann. Operação que propicia o aparecimento de novos sentidos. O termo *ruptura de campo* dá a impressão de haver desestrutura e certa violência, é que a ruptura abala o campo de tal modo que este desaparece, mas - esse é um movimento contínuo - um novo campo se forma por meio de outras e novas relações e assim por diante. Herrmann, F. (2001). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. (3. Ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1979).

atormentado: *será que o que se passa no domínio da escrita não é desprovido de valor se permanecer “estético”, anódino, privado de sanção, se nada houver no fato de escrever uma obra, que seja um equivalente ... daquilo que é para o toureiro o chifre acerado do touro, capaz de conferir – em razão da ameaça material que contém – uma realidade humana à sua arte, de impedir que ela seja apenas encantos fúteis de bailarina?*

No prefácio escrito para uma nova edição, logo após o término do conflito, inicia sua escrita pela visão da destruição, situado numa sacada da cidade de Havre. Considera que os tormentos pessoais expostos no, *A Idade Viril*, possuem a espessura de uma dor de dente diante dos horrores da guerra. No entanto, a vida continua, e isso lhe permite voltar para sua questão crucial: ***introduzir nem que seja a sombra de um chifre de touro numa obra literária***. Existe ameaça real para o artista, ameaça que não seja exterior a sua arte?

Escrever um livro que representasse um ato foi seu objetivo. Ato de elucidação de si, ato em relação aos outros do livro, aos seus familiares e aos seus leitores - a confissão o obrigaria a uma relação sem trapaça. Ato literário por pretender mostrar o avesso dos mapas e por seu engajamento radical, era o autor que se engajara na literatura – criara a negação de um romance - ao desnudar seu coração e escrever um livro sobre si com tal sinceridade que as frases enrugariam o papel.

De início lhe pareceu que bastava relatar sua vida sob o ângulo do erotismo, falar das “obras da carne” seria suficiente para torná-lo um “toureiro” em combate. Reconheceu que na base dessa introspecção havia o gosto de se contemplar. A confissão escondia o desejo por absolvição. Pretender um olhar complacente diante do desnudamento bem redigido, não traria riscos - nenhuma sombra de chifre de touro. Então se impôs regras, como nas touradas - a tourada é um ritual perigoso, erótico e mortífero. As regras evitariam a carnificina, pois

assegurariam o ritual; são aspectos estéticos, esculturais e formam um todo entre touro e toureiro.

Reunir numa fotomontagem em busca de autenticidade: lembranças da infância, necessidade de faltar às conveniências (especialmente quanto ao amor), relatos de acontecimentos reais, sonhos e impressões efetivamente experimentadas, enfim, falar toda a verdade - foram as regras que o autor se impôs à sua literatura. Mas qual perigo decorre disso?

Com a intenção de fascinar, Leiris buscou identidade entre forma e fundo para que a sombra do chifre recaísse sobre o leitor, não apenas sobre ele mesmo, o escritor. Nesse prefácio está contido um manifesto literário. O autor compreende e o manifesto propõe a poesia como “ato” perigoso e capaz de restituir estados intensos para merecerem palavra. Vejamos:

“Iluminar certas coisas para si próprio ao mesmo tempo que elas se tornam comunicáveis para outrem, pois um dos mais elevados objetivos da poesia é restituir por meio de palavras certos estados intensos, concretamente experimentados e tornados significativos para serem postos assim em palavras.”

Eis aí o risco. O risco de ser atingido pelo chifre da poesia é semelhante ao risco proporcionado pelo trabalho analítico. O risco da catarse invocada pela poesia lembra o perigo de se deparar com o que nos desconcerta, nos transcende e nos faz sair da circularidade dos próprios pensamentos.

Como não se deixar fascinar pelos **encantos da bailarina ou pelo sabor dos frutos da árvore proibida do conhecimento**; é possível espiar a rua, nem que seja de vez em quando?

Acredito que a literatura possa ajudar na cura da circularidade teórico-clínica que assombra todo psicanalista, recuperar a potência criativa da psicanálise ao nos levar **até a janela para espiar a rua**. Uma escuta mais guiada pela literatura (e menos pelas teorias consagradas)

pode garantir autenticidade à prática psicanalítica que expõe, conta, narra e descreve o homem, os homens e seus mundos. A literatura ao realizar um inventário do seu próprio tempo, transcende-o.

Creio que é preciso aliviar a psicanálise do excessivo uso de teorias como se fossem fatos e não interpretações. Dar leveza maior à escuta para que seja mais guiada pela busca de criação de sentido, do que pelo peso de perseguir a verdade. **Espiar a rua pela fresta da cortina**, romper com a circularidade, se arriscar e se deixar impregnar pelo turbilhão da poesia, que é corpo e verbo ao mesmo tempo. Se cabe uma analogia entre psicanálise e poesia é a da vocação de ambas para instaurar estados intensos, perturbadores, reviravoltas e lhes dar palavras ao mesmo tempo.

A sombra do chifre se encontra com o gesto aparentemente banal de **espiar a rua**, quando, nós psicanalistas, ousamos ser ficcionistas produzindo escritos, ensaios, prototeorias e quando favorecemos as múltiplas produções dos pacientes. A literatura, neologismo de Fabio Herrmann, fala da ficcionalização dos casos clínicos, da literatura como análogo da psicanálise, da psicanálise urdida pela força da escrita e também de uma postura analítica diante do homem e do mundo para que o analisar, nossa atividade diária, não perca sua dimensão poética, transcendental; para que se assemelhe mais ao trabalho do escritor e do artista do que ao do cientista.